

País pode acelerar seu desenvolvimento, diz Fishlow

Para professor de Yale, é preciso manter mudanças e reduzir tamanho do Estado

WILLIAM SALAS

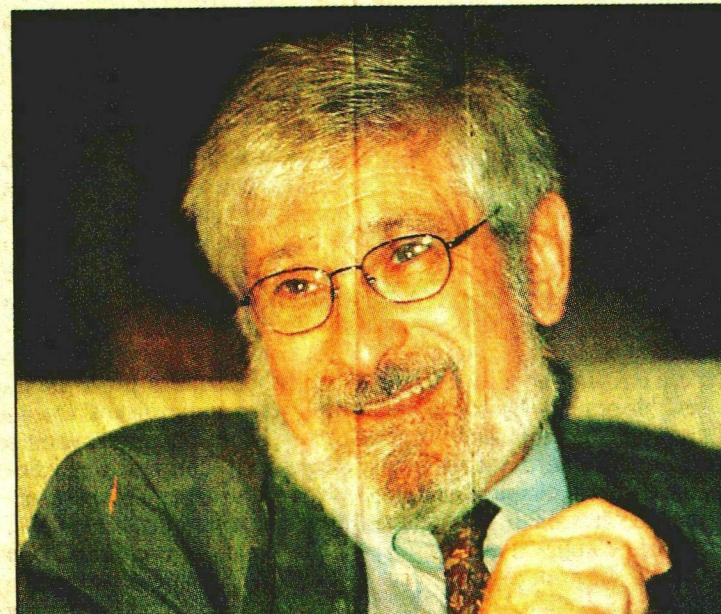
horas ao Estado, no início da semana passada sobre a chamada "nova economia", a bolha da Nasdaq, o crescimento do comércio internacional e a globalização, os erros e acertos do FMI e como o Brasil deve ingressar na nova ordem.

A "nova economia" – O que determina o futuro da economia americana não é a bolsa, mas o aumento da produtividade dos últimos dez anos, disse Fishlow. Todo mundo está voltado para a bolsa que, na verdade, é um reflexo da economia real, é muito mais indicação do que pode acontecer. Mas, evidentemente, se houve importante valorização das ações no último ano, foi porque a economia americana estava crescendo a uma taxa de 6%, com desemprego de 4% e inflação de 2%. Tudo estava em ordem e todos viviam com a expectativa de que o amanhã teria chegado hoje.

"Na realidade, não é assim que funciona e, por isso, a meu ver, a queda é sadia, e vai trazer benefícios não só para os EUA co-

mo para o mundo todo, na medida em que os EUA são a principal economia do mundo", disse o economista. Já há sinais de crescimento a uma taxa razoável no Japão, e também a América Latina apresentando casos de crescimento rápido, maiores do que o esperado no início do ano. O Chile parece que vai repetir o crescimento de 6%, enquanto a situação no Brasil, apesar das dificuldades e problemas, parece estar no início da recuperação, disse Fishlow.

O economista vê um panorama positivo e, além disso, destaca que estamos passando para aumentos de produtividade a taxas maiores, que devem perdurar pelos próximos dez anos. "Não estamos falando de um ciclo de três



Milton Michida/AE

Fishlow: "Brasil inicia a construção de Estado pequeno, mas forte"

meses, ou dois anos. Falamos de um ciclo maior, uma oportunidade importante para o Brasil", disse Fishlow.

Modelo acabado – De certo modo, todos os países da América Latina perderam uma oportunidade de se integrar à inovação representada pelo computador, disse o economista. No Brasil, houve reserva de mercado, que daria no futuro todos os benefícios, mas não deu, disse o economista. "Agora, vem uma segunda oportunidade que considero mais relevante do que a capacidade de fazer o computador em si", disse. Todas as inovações voltam-se para como usar o computador. É nesse sentido que os impactos serão maiores do que a fase inicial.

Internet pela TV – A questão crítica para o Brasil aproveitar essa terceira onda será a capacidade de usar o capital disponível do País, disse Fishlow. Como o número de aparelhos de televisão para a utilização ampla da Internet, para conectar a população à Internet. O Brasil não tem nem de longe o número de computadores que os EUA têm, mas mais de 90% da população brasileira

tem TV.

"Dou grande importância à Internet para melhorar o sistema educacional, e não só pela tecnologia, vejo a Internet como base para a entrada na 'nova economia' e ganhos de produtividade", disse o economista. Ele reconhece que o Brasil obteve inegáveis ganhos de competitividade na década passada, com a redução da inflação e a abertura ao exterior. E parte do desemprego foi consequência da melhora das taxas de produtividade, disse Fishlow. "Essas reformas têm de ser mantidas, não se pode voltar ao modelo da substituição de importações", acrescentou.

Fishlow acredita que o Brasil poderia adotar a terceira via do primeiro-ministro britânico, Tony Blair, na qual não há incompatibilidade entre economia capitalista e distribuição da renda. Ele considera que a situação macroeconômica do Brasil está bem melhor, mas que ainda é necessário avançar na reforma fiscal, que está no Congresso. "É importante eliminar os impostos em cascata", disse o economista.

Inflação e juros americanos – O presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central americano), Alan Greenspan, decidiu aumentar as taxas de juros, mas é importantíssimo separar a probabilidade do fato real. "Podemos ter uma taxa de juros maior, vamos dizer, mais 0,50 ponto (percentual), mas é preciso entender que os EUA, hoje, já têm a maior taxa real do mundo", disse Fishlow. Ele lembra que no Japão a taxa é quase nula e a Europa é da ordem de 1,75%, para cinco pontos nos Estados Unidos.

Os EUA têm de pagar uma taxa maior para importar a poupança estrangeira e criar investimento no país, disse Fishlow. Com isso, aumenta a riqueza de japoneses, alemães e franceses, em lugar de concentrar-se na poupança doméstica americana, que precisa aumentar. Os Estados Unidos trabalham com uma taxa de poupança de 17% a 18% do Produto Interno Bruto (PIB), nos EUA, e com o déficit na conta corrente de 4% do PIB e o nível de investimento total de 22%, disse Fishlow.

Um meio de diminuir o déficit comercial seria alterar a taxa de câmbio nos EUA, disse o economista, além de reduzir o cresci-

mento do consumo. Mas se os juros sobem, atraem capital e fortalecem a taxa de câmbio. E aí aumentam as importações. Esse, disse Fishlow, é o ponto mais fraco dos EUA – e do mundo. Nos últimos dez anos não houve muita contribuição do Japão e da Europa para o crescimento mundial.

Exportação de serviços – O economista destaca o fato de os Estados Unidos estarem aumentando as exportações. Hoje, as exportações americanas são 13% do PIB. Duas décadas atrás, eram 5%. O aumento das exportações nos últimos anos representa fonte de crescimento de toda a economia. No início da década de 90, um quarto do crescimento da economia americana veio do aumento das exportações. Portanto exportar não é secundário, como de certo modo é para o Brasil.

Bolha – Sobre a forte queda das bolsas, Fishlow disse que houve uma grande valorização do Nasdaq, de todas as ações da nova tecnologia, com todos imaginando que já estávamos numa era em que nada podia dar errado. "Isso é absurdo, porque todos sabem que bolsa nenhuma pode sustentar uma situação em que as ações valham 100 vezes o lucro esperado", disse o economista. Entre Dow Jones e Nasdaq, as ações, hoje, valem em média 42 vezes o lucro esperado e quando se compara com 1929, descobre-se que essa razão entre preço e lucro era de 29. Aí começa a preocupação, disse Fishlow. Na década de 20 houve um período de baixa inflação, crescimento rápido, quando o automóvel estava começando e havia toda o potencial da indústria automobilística – e a economia quebrou.

Fantomas de 1929 – Fishlow não aceita, porém, uma comparação direta com 1929. "Acho que olhamos demais para trás, pensando que vamos ter 29 de novo, não é assim", disse o economista. O Nasdaq pode cair mais um

20% e o Dow Jones crescer mais moderadamente, e não vai haver crise, porque os aumentos de produtividade hoje são reais, acrescentou. Enquanto houver ganhos de produtividade, não haverá grandes aumentos de preços, nem dificuldades que não possam ser superadas.

Fishlow considera que 1929 foi o fim de um período. O período da 1.ª Guerra Mundial, do investimento estrangeiro, acabou com a importância da Inglaterra como fonte principal do investimento estrangeiro no mundo, na América Latina e nos EUA. E foi o ponto de partida dos EUA como a primeira economia mundial, que efetivamente começou depois da 2.ª Guerra Mundial.

O século 20 termina com os EUA numa posição importante, mas com a concorrência da Europa, uma economia mais ou menos do tamanho da América do Norte, incluídos Canadá e México. Na Ásia, há o Japão, além de

Coréia e Taiwan e tem a China crescendo a uma taxa muito alta, disse Fishlow.

Para os próximos 20 anos, haverá ainda a questão fundamental da capacidade de se ter economias abertas, disse Fishlow. "Se voltamos para um mundo com altas tarifas de importação, haverá dificuldades", disse. Surgirá aí a possibilidade de se acabar algo fundamental dos últimos 50 anos: a reabertura da economia mundial.

Medo global – Nos EUA e em outros países, há o medo de participar do mundo globalizado, porque há uma concorrência contínua e forte de todos os setores nacionais com os de outros países, disse Fishlow. Mas isso não altera um fato fundamental: o crescimento do comércio internacional, que continua a uma taxa duas vezes maior do que a do PIB. A abertura contínua é consequência, porque todos os países querem ter uma chance de participar do comércio mundial.

O que se tem nos EUA hoje é uma batalha dos sindicatos querendo garantir um salário maior no país, sem concorrência, acredita Fishlow. São os sindicatos que estão ao lado dos ambientalistas, ao lado de outros com os quais não têm relação. "Você tem uma ligação de um lado da esquerda com um lado da direita tentando alterar o que acontece", disse o economista. E a realidade, acrescenta, é que a maioria dos americanos está satisfeita com o mundo, e o consumo está ativo nos EUA, com renda alta, crescimento contínuo. A tentativa de acabar com a globalização, porém, vem tarde demais, porque já aconteceu, disse o economista, para acrescentar que "é muito mais difícil fechar a porta após tantos anos".

FMI – Fishlow considera que há um exagero do Fundo Monetário Internacional (FMI) em tratar Ásia, Rússia, Brasil como uma história só, quando são diferentes. Ele lembra o caso da Tailândia, cuja situação o FMI já em 1996 não considerava ideal e defendia mudanças na política econômica tailandesa. Neste caso, o Fundo estava certo, ao alertar para o fortalecimento da moeda local, o baht,

por causa das entradas de capital estrangeiro. Mas depois de um choque tão grande, como o que a economia sofreu em 97, apresentar recuperação, no ano 2000, é uma coisa muito importante, muito melhor do que aconteceu na década de 80 aqui na América Latina. O desempenho do FMI foi razoável, disse. "Tenho divergências, acho que há casos em que se poderia falar em enganos, mas em termos gerais funciona", disse Fishlow. Hoje, separar contas externas do resto da economia, como quer o relatório que está no Congresso americano criticando o Fundo, não faz sentido. Imaginar que se pode ter um grupo que só lide com o lado externo da economia, sem mexer no lado interno, é uma contradição.

CENÁRIO
INDICA
AUMENTO DE
PRODUTIVIDADE